

Hamlet entre saber e verdade

Barbara Guatimosim

Resumo

A partir das sete lições de Lacan sobre *Hamlet* no *Seminário 6: o desejo e sua interpretação* e de suas elaborações a respeito da questão que levanta o personagem shakespeariano ao longo de seu ensino, a proposta é acompanhar a investigação de Lacan sobre o impasse dramático que acomete Hamlet, nomeado por Lacan “a tragédia do desejo”, que torna a ação, o ato impossíveis. Lacan tecerá um contraponto entre a tragédia de *Édipo rei* e a do príncipe da Dinamarca. Se a primeira é marcada pelo parricídio na ignorância de seu ato, Hamlet desde o início de sua saga sabe do assassinato de seu pai e do que precisa fazer. Mas nem a vingança ordenada pelo espectro paterno, nem o amor de uma mulher, Ofélia, o fazem agir. O saber não vetoriza o ato estancado pela angústia de uma verdade que o detém. Quais são os elementos gozosos que enredam Hamlet no espaço “entre”, fazendo com que sua ação desejante só possa coincidir com a própria morte? À luz do descrédito melancólico no qual sucumbe Hamlet, uma pergunta: que saber, que verdade, podem fazer o desejo passar ao ato?

Palavras-chave:

Hamlet; Angústia; Saber; Desejo; Ato.

Hamlet between knowledge and truth

Abstract

From Lacan's seven lessons on *Hamlet* in *Seminar 6: desire and its interpretation* and his elaborations on the question that raises the Shakespearean character throughout his teaching, the proposal is to follow Lacan's investigation on the dramatic impasse that affects Hamlet named by Lacan “the tragedy of desire” that makes action, the act, impossible. Lacan will weave a counterpoint between the tragedy of *Oedipus Rex* and that of the prince of Denmark. If the first is marked by parricide in ignorance of his act, Hamlet from the beginning of his saga knows about his father's murder and what he needs to do. But neither the revenge ordered by the paternal specter, nor the love of a woman, Ophelia, make him act. Knowledge does not vectorize the act stagnated by the angst of a truth that holds it back. What are the joyful elements that entangle Hamlet in the space “bet-

ween”, so that his desiring action can only coincide with death itself? In the light of the melancholic disbelief in which Hamlet succumbs, a question arises: what knowledge, what truth, can make desire pass into action?

Keywords:

Hamlet; Angst; Know; Desire; Act.

Hamlet entre el saber y la verdad

Resumen

A partir de las siete lecciones de Lacan sobre *Hamlet* en el *Seminario 6: el deseo y su interpretación* y sus elaboraciones sobre la cuestión que plantea el carácter shakesperiano a lo largo de su enseñanza, la propuesta es seguir la investigación de Lacan sobre el impasse dramático que afecta a Hamlet denominado por Lacan “la tragedia del deseo” que hace acción, el acto, imposible. Lacan tejerá un contrapunto entre la tragedia de *Edipo rey* y la del príncipe de Dinamarca. Si el primero está marcado por el parricidio en la ignorancia de su acto, Hamlet desde el principio de su saga sabe del asesinato de su padre y de lo que tiene que hacer. Pero ni la venganza ordenada por el espectro paterno, ni el amor de una mujer, Ofelia, le hacen actuar. El saber no vectoriza el acto estancado por la angustia de una verdad que lo frena. ¿Cuáles son los elementos gozosos que enredan a Hamlet en el espacio “entre”, de modo que su acción deseante sólo puede coincidir con la muerte misma? A la luz de la incredulidad melancólica a la que sucumbe Hamlet, surge una pregunta: ¿qué saber, qué verdad, puede hacer que el deseo se convierta en acción?

Palabras clave:

Hamlet; Angustia; Saber; Deseo; Acto.

Hamlet entre savoir et vérité

Résumé

À partir des sept leçons de Lacan sur *Hamlet* dans le *Séminaire 6 : le désir et son interprétation* et de ses élaborations sur la question que soulève le personnage shakesperien tout au long de son enseignement, la proposition est de suivre l'enquête de Lacan sur l'impasse dramatique qui affecte Hamlet nommé par Lacan « la tragédie du désir » qui fait de l'action, l'acte, impossible. Lacan tissera un contrepoint entre la tragédie d'*Edipe roi* et celle du prince de Danemark. Si le

premier est marqué par le parricide dans l'ignorance de son acte, Hamlet dès le début de sa saga est au courant du meurtre de son père et de ce qu'il doit faire. Mais ni la vengeance ordonnée par le spectre paternel, ni l'amour d'une femme, Ophélie, ne le font agir. Le savoir ne vectorise pas l'acte stagné par l'angoisse d'une vérité qui le retient. Quels sont les éléments joyeux qui enchevêtrent Hamlet dans l'espace « entre », de sorte que son action désirante ne peut coïncider qu'avec la mort elle-même ? À la lumière de l'incrédulité mélancolique à laquelle succombe Hamlet, une question se pose : quelle connaissance, quelle vérité peut faire passer le désir à l'action ?

Mots-clés :

Hamlet ; Angoisse ; Savoir ; Decir ; Acte.

Hamlet, que carrega Édipo em sua estrutura, não há dúvida, é uma peça que intriga e se mantém atual, por encenar questões que tocam a intimidade subjetiva de cada um através dos séculos.

Freud (1900/1972), em “A interpretação dos sonhos”, articula Édipo e Hamlet pelo ponto comum do desejo incestuoso. De acordo com Freud, trabalhando a peça no livro dos sonhos, Hamlet é um homem de ação.

De acordo com o conceito originado por Goethe, Hamlet representa o tipo de homem cujo poder de ação direta é paralisado pelo desenvolvimento excessivo de seu intelecto (ele está sob o “pálido reflexo do pensamento”). De acordo com outro conceito, o dramaturgo tentou retratar um caráter patologicamente irresoluto, que poderia ser classificado como neurastênico. O enredo do drama nos mostra, contudo, que Hamlet está longe de ser representado como uma pessoa incapaz de adotar qualquer ação. Vemo-lo agindo assim em duas ocasiões: primeiro, em um súbito rompante de cólera, quando trespassa com a espada o espreitador que se encontra atrás da tapeçaria, e, segundo, de forma premeditada e mesmo ardilosa, quando, com toda a rudeza de um príncipe da Renascença, envia os dois cortesãos à morte que fora planejada para ele. O que é, então, que o inibe de cumprir a tarefa imposta pelo fantasma do pai (Freud, 1900/1972, pp. 280-281)?

E Freud acrescenta:

Hamlet é capaz de fazer qualquer coisa, menos se vingar daquele homem que eliminou seu pai e ocupou o lugar deste junto a sua mãe, o homem que lhe mostra os desejos recalcados de sua própria infância realizados. Desse modo, o ódio que deveria impeli-lo à vingança é substituído por auto-recriminações. (Freud, 1900/1972, p. 281)

Reconhecendo que Freud toca em um ponto central, Lacan não se apressa em apenas reiterá-lo: se há algo de podre no reino da Dinamarca, algo não vai bem no desejo de Hamlet e no eixo de sua fantasia, “a alma, pedra de toque do desejo” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 266).

O que Lacan acrescenta em seus comentários sobre a peça, enquanto trabalhava o complexo de castração, amplia sobremaneira a leitura freudiana. Se *Édipo rei* é uma peça marcada pelo parricídio na ignorância de seu ato, Hamlet, desde o início de sua saga, sabe do assassinato de seu pai por esse mesmo. “O crime edípiano é cometido por Édipo na inconsciência. Aqui, o crime edípiano é sabido, e ele é sabido por quem? Pelo outro, por aquele que é a vítima e que vem surgir para trazê-lo ao conhecimento do sujeito” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 264). Édipo rei, em seu declínio, ao saber do parricídio, abre a via do desejo, na castração autoimposta a seus olhos. No entanto, o impasse dramático que acomete Hamlet, nomeado por Lacan no *Seminário 6* “a tragédia do desejo”,¹ torna a ação, o ato impossíveis. A “cena dentro da cena”, a ratoeira que pegaria a consciência do usurpador Cláudio, faz com que o príncipe caia em sua própria armadilha, reconhecendo-se também aí como autor do crime; cúmplice em intenção. É o próprio Hamlet que é colocado em cena, nessa *Outra cena* de seu inconsciente. “O que Hamlet manda representar no palco, portanto, é, afinal, ele mesmo praticando o crime em questão” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 45). Nem a vingança ordenada pelo fantasma do pai, nem o amor de uma mulher, Ofélia, o fazem agir. O que estanca Hamlet em sua trajetória em direção ao desejo? Lacan, em seu comentário, complexifica a ação inibidora do desejo incestuoso, trabalhando o impasse narcisista que sofre a castração quando não se renuncia ao Falo. Junto a isso há, sem dúvida, o luto pelo pai, que não é uma representação, mas uma “verdade” (Shakespeare, 1599-1601, p. 11) para Hamlet.

Das muitas questões que levanta a obra-prima inesgotável de Shakespeare, vamos nos concentrar em uma: qual, ou quais as verdades que detêm Hamlet, se ele sabe o que tem que fazer? Se Hamlet em momento algum contesta a vingança (Lacan, 1958-1959/2016, p. 276)² e mesmo a jura ao fantasma do pai que tudo sabe... por que ela não se realiza? Por que só pode ser ele o vingador do pai e por que consente no matrimônio da mãe, entrando na economia de uma “pressa infame”,³ em que “Os assados do velório puderam ser servidos como frios na mesa nupcial”

1 Para Vanina Muraro (2014, p. 43): “A complexidade do herói de Shakespeare, sua dúvida, o adiamento em realizar o ato encomendado pela sombra, permitem-nos diferenciá-lo rapidamente da figura decidida de Antígona.”

2 Essa questão também é trabalhada por Mirian Ximenes Pinho (2022) em seu artigo “O que se passa em Hamlet? Pontos e contrapontos entre Freud e Lacan”.

3 “Ela casou. Que pressa infame, correr assim, com tal sofreguidão, ao leito incestuoso!” (Shakespeare, 1599-1601, p. 13).

(Shakespeare, 1599-1601, p. 13)? Se há algo “podre no reino da Dinamarca” (Shakespeare, 1599-1601, p. 23) que ele não consegue enterrar, por que Hamlet não retorna a seus estudos na Alemanha? Por que Ofélia, antes objeto de um sublime amor para o príncipe, sofre o ataque degradante que, aliado ao assassinato de seu pai, Apolônio, remete-a ao desespero e ao suicídio?

Lacan, ao longo de seu comentário sobre *Hamlet*, destaca “o consentimento ao desejo da mãe”, “consentimento ao capricho, ao arbítrio do Outro como tal” (Lacan, 1958-1959/2016, pp. 304-305), a desistência moral, uma falência ética, em que a não garantia do outro, sua falibilidade, torna-se a garantia da não verdade, a mentira absoluta. Nesse “entrelugar” em que vagueia Hamlet, como aponta Lacan, o príncipe cambaleante bascula no “ser *ou não ser o falo*”. Ele ou recusa a castração do Outro e torna-o todo poder e saber, ou mergulha na nadificação ou impotência, onde não há fé, mas descrença no outro. Essa hesitação, que posterga qualquer ação engajada, tem como consequência a cessão do desejo. Estamos em 1959, um ano antes do *Seminário 7: a ética da psicanálise*, no qual Lacan trabalhará “o ceder do desejo” ou, de outro modo, a pergunta: “Agiste de acordo com o desejo que te habita?” (Lacan, 1959-1960/1988, p. 376).

Hamlet cede quando não mata Cláudio no momento “sagrado” de oração. Hamlet cede quando acaba acatando o conformismo de sua mãe, “que não pode ficar sozinha”, “uma verdadeira genital” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 309), e que cede também, por sua vez, ao companheirismo conveniente do assassino do rei, tornado seu esposo. Hamlet cede quando mata Apolônio, pai de Ofélia e Laertes, e covardemente oculta o corpo, fazendo uma “transferência da ação de seu próprio pai para o pai de Ofélia”.⁴ Hamlet cede quando envia sabidamente Guildenstern e Rosencrantz para a morte em uma armadilha preparada para o próprio Hamlet. Ele cede quando degrada Ofélia, por quem sentia amor. Ele cede quando se faz de louco, alienação conveniente e ostentada para justificar a demissão de seu desejo. Hamlet cede o tempo todo. E, cedendo, fica nesse espaço “entre”, em que nem cumpre o que o outro lhe ordena, nem segue seu caminho.⁵ Ele escolhe acreditar na toda potência do falo, que, se já atribuía a seu pai, foi transferida rapidamente para o tio Cláudio, valorado falicamente pelo desejo da mãe, e, assim, perde irremediavelmente a via do desejo, coincidindo com seus mortos, na via última da “castração necessária” (Lacan, 1958-1959/2016, p. 270) que lhe resta.

E como se articula essa desistência? Qual é a lógica do sujeito que se trai? Algo, segundo Lacan, que pode se enunciar assim: “Façamos como todo mundo, ‘se cede a ponto de diminuir suas próprias pretensões’, e dizer-se — Pois bem, já que

4 Freud, 1897, pp. 273-274. Primeira menção de Freud a Hamlet.

5 Como aponta Quinet (2019, p. 92): “O desejo é meu ou é do Outro? É um imperativo ético ou uma ação superegoica?”

é assim, renunciemos a nossa perspectiva (...), não somos melhores, entremos na via costumeira. Aqui, vocês podem estar certos de que se reencontra a estrutura que se chama *ceder de seu desejo*” (Lacan 1959-1960/1988, pp. 384-385). Mas a traição pode ser socialmente trágica. Da dimensão clínica, o comentário passa à dimensão política dessa cessão, que não escapa a Lacan. Ele interroga:

Peço que meditem a propósito de todo tipo de coisas bem estranhas, bem paradoxais, e, sobretudo, a seguinte: o quanto nos transtornávamos, na época, ao nos perguntarmos, por que, afinal, como era muito claro, não assassinavam Hitler. Este representa perfeitamente o objeto cuja função Freud nos mostra na sua *“Massenpsychologie”* onde detalha essa espécie de homogeneização da massa que se obtém pela Identificação com um objeto no horizonte, um objeto x, um objeto que não é como os outros.⁶

E Lacan (1958-1959/2016, p. 377) ainda insiste: “Não é isso algo que vai ao encontro do que estamos falando?”

E eis que chegamos, com Hamlet, a esse impasse que vai muito além dele. Não seria esse um luto que tem se mostrado muito difícil, e, talvez, para muitos, impossível, o luto do Outro? O Falo *Führer*, o Chefe da horda, a Exceção, aquele que não é como os outros, ou seja, castrado. Não seria essa nostalgia do Falo, daquele que acena para o todo (e quem sabe a possibilidade de sua herança) que inibe a ação de tantos Hamlets? E, por outro lado, que saber contempla essa verdade de S(A/) e como transmiti-lo?

Referências bibliográficas

- Freud, S. (1969). Carta a Wilhelm Fliess, nº 71. 15/10/1897. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1897)
- Freud, S. (1972). A interpretação dos sonhos. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. IV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)

⁶ Ainda no *Seminário 6*, Lacan (1958-1959/2016, p. 258) comenta sobre a inibição da ação como efeito dos desejos recalçados.

- Lacan, J. (2016). *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1958-1959)
- Masson, J. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhem Fliess*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1887-1904)
- Muraro, V. (2014, novembro). Algumas posições do príncipe Hamlet ante ao desejo. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (29), 43-49.
- Pinho, M. P. (2022, outubro). O que se passa em Hamlet? Pontos e contrapontos entre Freud e Lacan. *Psicologia USP*, 33, e190118. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190118>
- Quinet, A. (2019). *O inconsciente teatral. Psicanálise e teatro: homologias*. Rio de Janeiro: Atos e Divãs.
- Shakespeare, W. *Hamlet* (M. Fernandes, Trad.). Recuperado de https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6470279/mod_resource/content/1/HAMLET%20%28trad.%20Millor%20Fernandes%29.pdf. (Trabalho original publicado em 1599-1601)

Recebido: 01/12/2023

Aprovado: 15/12/2023